



TÍTULO: Crematório

O luto na Arquitetura

Victor Hugo Vieira Rosa¹

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Carlos Eduardo de Oliveira Mattos²

Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade

RESUMO

A Arquitetura se faz presente nos mais diversos espaços, inclusive nos que carregam consigo algum demérito ou estranhamento social. Neste sentido, observa-se o exemplo da morte e de sua imediata associação aos cemitérios e ao doloroso processo do luto. O presente trabalho tem por objetivo propor um novo espaço, na forma de um crematório, que vai ao encontro do conceito de ruptura no comportamento social usualmente associado ao enfrentamento da morte – que caminha para deixar de ser um tabu. Através do projeto arquitetônico proposto, busca-se aliar elementos estéticos de beleza e emoção e de riqueza humana e espiritual. Logo, poderão surgir experiências mais dignas e serenas diante de um dos momentos mais temidos de nossa existência.

Palavras-chave: Arquitetura. Crematório. Luto. Morte. Tabu.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade onde a morte e tudo que a permeia sempre foi cercada de tabus. Neste sentido, os espaços associados a este momento, tidos como espaços fúnebres, seguem também, em sua maioria, o mesmo conceito – a

¹ Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Endereço: Rua José do Patrocínio, 255/401 – Mundo Novo Celular: (32) 99140-6746 E-mail: vic82@mail.com

² Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Orientador.

exemplo do que ocorre nos cemitérios. Através da Arquitetura podemos trazer mais leveza a estes espaços como forma de amenizar a dor que o momento impõe.

A pesquisa realizada servirá como base teórica para o desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação, que tem como objetivo final a concepção de um crematório na cidade de Juiz de Fora. A escolha do tema se deu a partir da vontade de criar um espaço mais adequado e menos doloroso - no fino acordo da percepção/reflexão frente aos novos pensamentos e hábitos da sociedade, sem deixar de levar em consideração o indivíduo, promovendo o encontro deste à natureza e ao próprio espaço construído - de forma leve e acolhedora.

Para o desenvolvimento do tema, muito foi estudado sobre a morte, o luto e seus desdobramentos frente ao processo da perda de um ente querido, fato este refletido diretamente nos espaços fúnebres. Seu conceito e entendimento foram fundamentais para a criação de elementos projetuais que se relacionassem de forma emocional com o ambiente construído.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Morte

A temática da morte e o processo de morrer, intrínseco a ela, residem atualmente no ideário coletivo de qualquer sociedade, e para além do hoje, sempre estiveram intimamente ligados a vida de todos os povos, sendo a morte a única certeza de nossa existência.

Frente ao processo da morte, rituais foram ao longo do tempo sendo associados a este momento. Sobre isso, Melo (2004) comenta:

Desde a antiguidade o homem utilizou-se de rituais para a simbolização da morte. Os cultos, as vestes brancas, vestes pretas, o luto, o velório, as novenas, jardins, enterros, cemitérios, crematórios; todos esses rituais em diferentes povos e épocas, sejam manifestações de alegria, tristeza, medo, horror, encontros e desencontros asseguram, ainda nos dias de hoje, que o homem possua sua própria percepção de morte, de acordo com sua percepção de mundo.

Neste sentido, em sociedade aprendemos que a morte representa o fim, o encerramento. Segundo Heidegger (apud Penha, 2001) a morte é o termo final para os planos do homem. Ele está na dependência da morte para tudo, já que ela é

imprevisível e invencível. Ainda para Heidegger as pessoas fogem para uma existência sem autenticidade para esquivar da angústia da morte. Mas somente sofrendo essa angústia, o homem será autêntico e atingirá a sua plenitude existencial.

2.2 O Tabu

Com o passar do tempo, a morte se tornou, em muitos casos, um tema evitado ou proibido. Para Melo (2004, p.21), “a morte ainda constitui um acontecimento pavoroso nos dias de hoje. É considerada um tabu, causadora de medo, pânico e negação. A morte, além de gerar uma grande angústia, coloca o homem diante da questão de sua própria finitude”.

Sobre isso, Maranhão (1998) defende que:

Ao mesmo tempo em que é proibida, a morte torna-se companheira, evasiva e sem limites e, embora esteja tão próxima (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio. O que se percebe é um tabu que vem certamente com uma rigorosa proibição quanto aos questionamentos no que diz respeito à morte. Não só a própria morte, mas principalmente a do outro. Quando é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la, procurando assim encobrir o fenômeno ou mesmo evitá-lo.

2.3 O Luto

A morte é vista como um acontecimento que gera intensa dor e tristeza diante da perda ou separação de alguém que se tenha ligação afetiva, e neste sentido, é essencial que se discuta sobre o luto, diretamente associado a este momento tão desafiador.

Para Melo (2004), “estes sentimentos em geral são muito bem manifestados através do luto, que é vivenciado por um período determinado necessário para a cicatrização da ferida e reintegração dos parentes às condições normais de vida”.

Sobre o luto e sua vivência, Kubler-Ross (2000) afirma que este possui cinco estágios.

O primeiro estágio é a negação da morte e o isolamento. São defesas temporárias à dor psíquica frente à morte. Em geral, a negação e o isolamento não

persistem e sua intensidade vai depender de como as pessoas ao redor são capazes de acolher a dor daquele que sofre. O segundo estágio se apresenta através da raiva. Kubler-Ross esclarece que “na impossibilidade de manter o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, revolta, inveja e de ressentimento”. (p.55).

Nessa fase, os relacionamentos tornam-se conflitantes, todo o ambiente é atingido pela revolta de quem sofre. A dor psíquica pela necessidade de enfrentamento da morte aparece em atitudes agressivas. É importante neste momento haver compreensão da dificuldade que representa ter interrompido as atividades de vida pela doença ou pela morte.

Com o terceiro estágio vem a barganha. A maioria das barganhas é feita com Deus e mantida em segredo. “A barganha na realidade, é uma tentativa de adiamento”. (Kubler-Ross, 2000, p.87).

A depressão é a característica do quarto estágio. Quando a pessoa reconhece que a morte de fato ocorreu e que o ente querido não está mais presente, surge então um sentimento de grande perda. É o sofrimento psíquico de quem percebe a realidade como ela realmente se apresenta, com todas as perdas e dificuldades inerentes aos momentos de separação.

E finalmente no quinto estágio, acontece a aceitação. Quando se consegue alcançar este estágio em paz e com dignidade, a pessoa enlutada passa a administrar melhor a perda.

2.4 Relação da Morte com o Espaço Construído

2.4.1 Espaços Fúnebres

Os espaços fúnebres surgiram da necessidade de um local para visita aos que se foram, onde a saudade e a lembrança pudessem ser partilhadas.

No caso dos cemitérios (espaços fúnebres mais conhecidos), Foucault (2013) cita: “Até o século XVIII, ele ficava no centro da cidade, disposto lá no meio, bem ao lado da igreja; na verdade não lhe era atribuído nenhum valor solene”. No final do século XVIII “cada qual passou a ter direito ao seu caixão e à sua pequena decomposição pessoais. Por outro lado todos esses esqueletos, todos esses

caixões, todos esses sepulcros, todas essas tumbas, todos esses cemitérios foram postos à parte, fora da cidade no seu limite”. (Foucault, 2013, p.23).

A partir do século XIX, estes espaços retornam à topografia constituindo mais um elemento da malha urbana. Com isso, a morte se estabelece como forte presença na cidade, e os cemitérios tornam-se em definitivo, locais de visita e reflexão, onde, junto aos túmulos se virá a lembrar, recolher-se, rezar e chorar.

2.4.2 A Cremação

Os crematórios são espaços voltados à cremação, processo de incineração de cadáveres. Apesar de aparentar uma alternativa contemporânea aos cemitérios tradicionais, o costume de cremar os restos mortais tem origens históricas e religiosas. (Kemerich et al, 2012).

Já os gregos, na Antiguidade, cremavam seus mortos em períodos de guerra, a fim de impedir a profanação pelo inimigo. Praticavam a cremação também vikings, hunos, babilônios e povos germânicos. É, hoje, o método funerário mais importante na Inglaterra. Entretanto, a prática é pouco aceita em países de raízes católicas, como Itália, França e Portugal – talvez uma explicação para a demora do aparecimento e aceitação de crematórios na América Latina como um todo (Santos, 2015). O método apresenta-se como solução póstuma de menor impacto ambiental, uma vez que não gera os resíduos convencionais da decomposição dos corpos, não oferecendo risco de contaminação por gases, já que os fornos contam com filtros para captura dos gases liberados no processo. (Kemerich, 2014 apud Campus, 2007).

2.4.3 A Cremação no Brasil

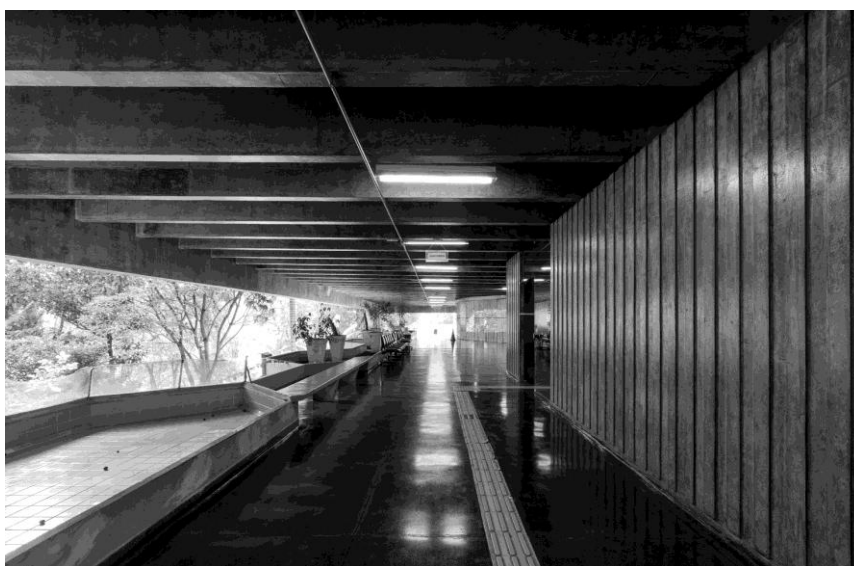
No Brasil, a queima de corpos enquanto prática funerária é comum a diversos grupos indígenas, apesar dos rituais e cerimônias que a acompanham serem diferentes entre si. Entretanto, numa realidade mais moderna, apenas no ano de 1974 tem-se a instalação do primeiro crematório brasileiro, o Crematório Municipal de São Paulo. Segundo Santos (2015) este permanece durante cerca de 20 anos sendo o único do país.

Imagem 01 – Crematório Jayme Augusto Lopes | São Paulo – SP



Fonte: Archdaily – Acessado em 12 de dezembro de 2019

Imagem 02 – Crematório Jayme Augusto Lopes | São Paulo – SP

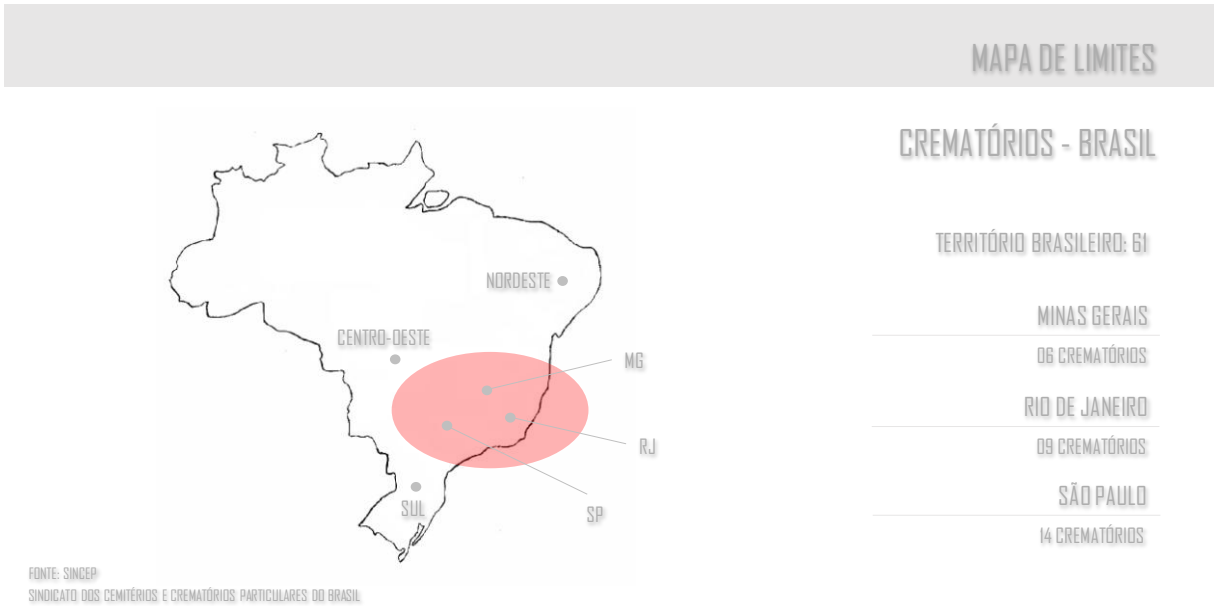


Fonte: Archdaily – Acessado em 12 de dezembro de 2019

Aos poucos a cremação tem crescido no país. Até o ano de 1990, existiam apenas dois crematórios instalados no Brasil, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Realidade esta que tem mudado, visto que no ano de 2014 eram mais de 40 espalhados por diversas regiões e hoje, 2020, em torno de 61, fato que evidencia o aumento de adeptos da prática.

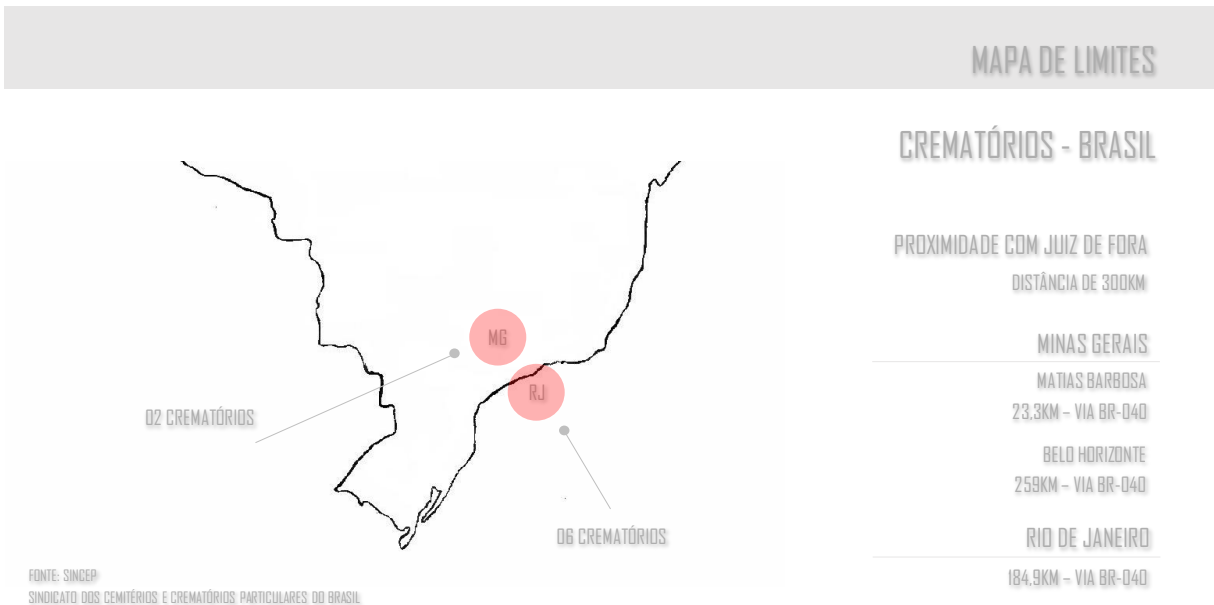
Esta crescente da cremação chama a atenção para o fato de ainda não existir crematórios na cidade de Juiz de Fora, sendo o mais próximo em Matias Barbosa.

Imagem 03 – Mapa dos Crematórios no Brasil



Fonte: SINCEP – Acessado em 25 de maio de 2020

Imagem 04 – Mapa dos Crematórios no Brasil | proximidade com Juiz de Fora



Fonte: SINCEP – Acessado em 25 de maio de 2020

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi realizada através de revisão bibliográfica, sendo as fontes consultadas por meio de livros, artigos, sites da internet e pesquisa de campo com levantamento fotográfico.

Inicialmente foi realizado um estudo a partir de leituras sobre a morte, o tabu e o luto, que serviram como embasamento teórico para o tema a ser desenvolvido. Em seguida foram analisados estudos de caso referentes a espaços voltados para a arquitetura mortuária.

Definido o tema, partiu-se para a terceira etapa, uma pesquisa de campo realizada no Complexo Crematório Candelária, localizado na cidade de Matias Barbosa, de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto.

3.1 ESTUDOS DE CASO

3.1.1 CENTRO DA MEMÓRIA, PAZ E RECONCILIAÇÃO - COLÔMBIA | 2015

O projeto se insere no tradicional complexo do Cemitério Central de Bogotá, um espaço com dois séculos de memória no qual estavam enterrados mais de 3600 indivíduos. Para exumá-los, realizou-se a maior prospecção arqueológica funerária da América do Sul. O espaço deixado pelos sepultamentos destinou-se a construção do Centro de Memória, Paz e Reconciliação.

O edifício convida à descida a partir dos quatro pontos cardeais, permitindo ao visitante a experiência da imersão, preparando-o para entrar em um local único, de atmosfera solene e silenciosa.

O programa do edifício desenvolve-se também no subterrâneo, gerando impacto mínimo ao meio-ambiente. As coberturas funcionam como espelhos d'água e tornam-se parte da paisagem do parque – configurando uma série de reflexos imateriais e permitindo que os Columbários existentes sejam realçados pela nova construção tornando-se um limiar sem barreiras, um espaço público.

Imagem 05 – Centro da Memória, Paz e Reconciliação | Colômbia - 2015



Fonte: Archdaily – Acessado em 14 de fevereiro de 2020

3.1.2 TEMPLO DAS CINZAS E CREMATÓRIO – COLÔMBIA | 1998

O projeto desenvolve-se ordenando os edifícios existentes por meio de circulações e percursos externos que começam desde o acesso do Parque Cemitério ‘Campos de Paz’.

É composto por dois volumes identificáveis entre si – a unidade de cremação e o templo das cinzas, edifício este linear que cruza o terreno longitudinalmente. A planta obedece as condições do lugar, com sua topografia marcada e a fileira de árvores e salas de velório existentes.

A volumetria se assume de forma escultórica onde predomina a massa, criando a imagem de um grande bloco esculpido. Em seu interior, a matéria-prima do espaço é a luz, que entra gentilmente no edifício.

Imagem 06 – Templo das Cinzas e Crematório | Colômbia - 1998



Fonte: Archdaily – Acessado em 14 de fevereiro de 2020

3.1.3 CREMATÓRIO DE AMIENS – FRANÇA | 2015

Poucos projetos geram tanta emoção e expressam tal riqueza humana e cultural. Entretanto, também existem os mesmos obstáculos e riscos que, uma vez superados, permitem que a vida apareça em todo seu esplendor.

Trabalhar em simbiose com o local e criar um sistema espacial que leve em consideração a diversidade cultural das reações humanas durante um evento como este devem ser levados em conta.

O projeto está baseado no tema do círculo como símbolo universal e atemporal – representando a espiritualidade laica no imaginário coletivo. Essa interpretação específica do local deu lugar a um espaço oco que ressoa seu entorno, uma disposição que permite flexibilidade em sua gama de escalas e texturas. Uma resposta serena e leve, a interdependência entre o local e o projeto, que é demonstrado através da relação harmoniosa entre a vegetação e o edifício.

Imagem 07 – Crematório de Amiens | França - 2015



Fonte: Archdaily – Acessado em 14 de fevereiro de 2020

3.1.4 COMPLEXO CREMATÓRIO CANDELÁRIA – BRASIL | 2014.16

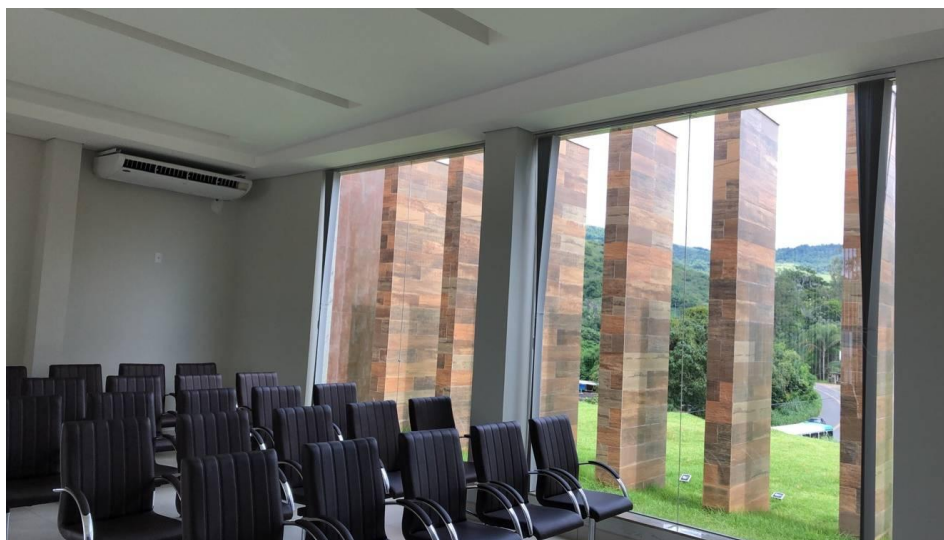
Localizado no município de Matias Barbosa, o crematário é composto por quatro edificações, além do pórtico de entrada e do estacionamento - cada uma com seus usos específicos. Implantado em meio a uma área verde ainda distante do centro urbano, o complexo traz serenidade e calma que o momento do luto exige.

Imagem 08 – Complexo Crematário Candelária | Brasil – 2014.16



Fonte: Arquivo Pessoal – Tirada em 23 de janeiro de 2020

Imagem 09 – Complexo Crematário Candelária | Brasil – 2014.16



Fonte: Arquivo Pessoal – Tirada em 23 de janeiro de 2020

3.1.5 FUNERAL HOME – BRASIL | 2008

Situado em São Paulo, o Funeral Home foi inaugurado em 2008, sendo esta a primeira Casa de Funeral no Brasil. Em um local charmoso e tranquilo, com decoração requintada e elegante, a casa proporciona um ambiente privativo e confortável aos clientes.

O Funeral Home oferece um serviço com muita responsabilidade e profissionalismo para homenagear a memória de um ente querido – dedicando atenção aos detalhes e no modo de receber as pessoas.

O casarão conta com salas de cerimônias e todo o apoio de suporte necessário para atender da melhor forma a todos que passam pelo momento da perda.

Imagem 10 – Funeral Home | Brasil – 2008



Fonte: Funeral Home – Acessado em 14 de fevereiro de 2020

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 INTENÇÕES PROJETUAIS

O tema do projeto apresentado é um crematório que tem por objetivo abraçar o momento da perda de um ente querido, o mais difícil de nossa existência.

O crematório será alocado na cidade de Juiz de Fora, local este em constante expansão e considerada uma das mais populosas do estado de Minas Gerais, com cerca de 568 mil habitantes (IBGE, 2019).

O terreno escolhido para o projeto localiza-se na Avenida Deusdedith Salgado, no bairro Salvaterra, e próximo a BR-040 - principal porta de entrada para a cidade. O trecho conhecido como 'Acesso Sul' tornou-se um dos principais nos últimos anos no que diz respeito às diretrizes relacionadas a expansão territorial, com inúmeros equipamentos de diferentes tipologias.

A área verde que circunda o terreno e sua localização estratégica em uma cota abaixo da Avenida foram fatores determinantes no momento da escolha, uma vez que contribuem para a conexão do tema com o local e a fundamental desconexão da pessoa enlutada no momento da perda, que exige um ambiente de paz, tranquilidade e silêncio.

Imagem 11 – BR-040 e localização do terreno na Avenida Deusdedith Salgado



Fonte: Google Earth – Acessado em 18 de fevereiro de 2020

Imagem 12 – Múltiplos usos da Avenida Deusdedith Salgado



Fonte: Google – Acessado em 29 de abril de 2020

Imagem 13 – Terreno em Dezembro de 2019



Fonte: Google Street View – Acessado em 05 de fevereiro de 2020

Imagem 14 – Terreno em Janeiro de 2020

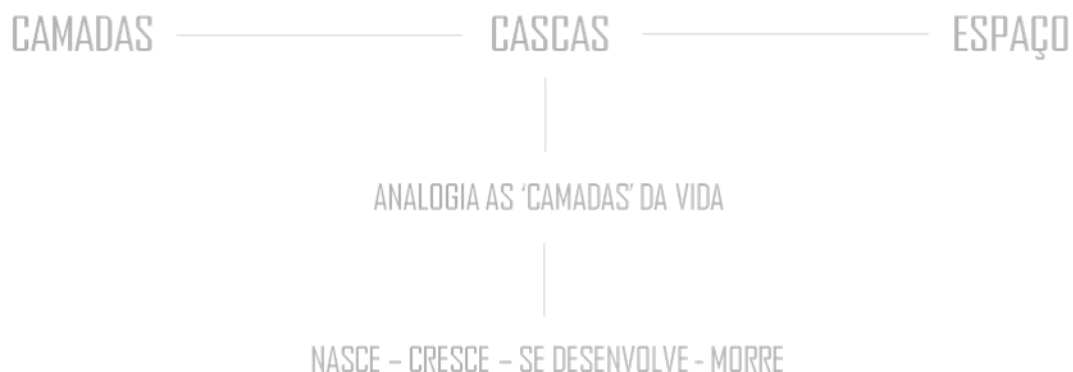


Fonte: Arquivo Pessoal – Tirada em 22 de janeiro de 2020

Uma praça no cerne do terreno recebe quem chega, abriga a Capela e convida o visitante a percorrer os demais espaços. A água, elemento natural vital, que reflete a luz, modifica os sons e é dinâmica está presente em um grande lago que toma forma na cota inferior à praça, fazendo a distinção entre os acessos social e de serviços.

Três edifícios - o Columbário, o Espaço de Memória e o Crematório – se desenvolvem em um nível superior, sobre uma grande esplanada acessada por uma escada monumental ligada à praça. Abaixo dessa laje temos estacionamento e os demais serviços de suporte ao complexo.

O conceito do projeto nasceu da metáfora provinda das ciências naturais (nasce, cresce, se desenvolve e morre) uma alusão as camadas da vida, representadas por cada um dos quatro volumes. As camadas que protegem a vida se materializam nas cascas que abrigam os edifícios, em concreto – firme e presente no espaço. Por dentro, nossa desconexão momentânea do mundo e imediata conexão com algo maior que si próprio, a espiritualidade, transcendendo o tangível.



PRIMEIRA CAMADA - NASCE	CAPELA
SEGUNDA CAMADA - CRESCE / SE DESENVOLVE	ESPAÇO DE MEMÓRIA
TERCEIRA CAMADA - MORRE	CREMAÇÃO - COLUMBÁRIO
QUARTA CAMADA	JARDINS E LIGAÇÕES ESPACIAIS

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de desenvolver um crematório em Juiz de Fora vem ao encontro do aumento da demanda deste tipo de serviço e da ausência do mesmo na cidade.

Sendo assim, conclui-se que alguns princípios devam ser considerados a partir do projeto: o fato de trazer um espaço com vida e que ao mesmo tempo fosse capaz de reforçar a presença da morte no cenário da cidade. Os significados que pudessem ser construídos a partir das memórias, tão presentes no momento da perda, e aqui engrandecidas e rememoradas através da arquitetura. A capacidade do projeto em dar privacidade a quem se encontra frágil e vulnerável, não excluindo essas pessoas da sociedade e nem mascarando o momento da morte, que deve ser vivido com sabedoria e dignidade. E finalmente, o encontro da natureza e dos materiais crus que refletem temporalidade. Tempo este que passa, que não é infinito. Nosso tempo. Tempo da vida que encontra o tempo da morte.

ABSTRACT

Architecture is present in the most diverse spaces, including those that carry some demerit or social strangeness. In this sense, there is the example of death and its immediate association with cemeteries and the painful process of mourning. The present work aims to propose a new space, in the form of a crematorium, which meets the concept of disruption in social behavior usually associated with coping with death – which is moving towards ceasing to be a taboo. Through the proposed architectural project, we seek to combine aesthetic elements of beauty and emotion and human and spiritual wealth. Soon, more dignified and serene experiences may arise in the face of one of the most feared moments of our existence.

Keywords: Architecture. Crematorium. Mourning. Death. Taboo.

REFERÊNCIAS

FOULCAULT, M. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. 2ª reimpressão. Edição bilíngue. São Paulo: N1 Edições, 2013.

KEMERICH, Pedro Daniel da Cunha et al. **A questão ambiental envolvendo os cemitérios no Brasil**. Monografias Ambientais, Santa Maria, v. 13, n. 5, p. 3777-3785, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/download/14506/pdf> Acesso em: 13 jun. 2020.

KEMERICH, Pedro; UCKER, Fernando Ernesto; BORBA, Willian F. de. **Cemitérios como Fonte de Contaminação Ambiental**. 2012. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios como fonte de contaminacao ambiental.html](http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios%20como%20fonte%20de%20contaminacao%20ambiental.html) Acesso em: 13 jun. 2020.

KUBLER-ROSS, E. **Estágio final da evolução**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 1975. _____ (1969). **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, citado por NUNES, D.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 77 p. Coleção Primeiros Passos; 150.

MELO, Celene Vasconcelos. **O Significado da Morte nas Diferentes Etapas da Vida Humana**. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2928/2/9960500.pdf> Acesso em: 13 jun. 2020.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. Coleção Primeiros Passos; 61.

SANTOS, Aline Silva. **Morte e Paisagem: Os jardins de memória do crematório municipal de São Paulo**. 2015. 349 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fau-usp, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-08092015-143806/pt-br>
Acesso em: 13 jun. 2020.